

# O FAZER DOCENTE E O SER EMOCIONAL

Francine Freitas Avila<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo tem como proposta apresentar o relato de uma professora que trabalha na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma Escola Municipal da cidade de Rio Grande RS, onde ela fala, entre outras coisas, sobre suas experiências com alunos inclusos na EJA. Para isso foi feita uma articulação do seu relato com estudos feitos por Paulo Freire, educador, pedagogo e filósofo brasileiro, considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

**Palavras chave:** Educação de Jovens e Adultos, educação especial, qualificação, transformação, avaliação, inclusão.

## Introdução

Devo admitir que meu interesse pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) se dá por motivos que estão intrinsecamente ligados ao meu ser, para esclarecer o que digo é preciso contar um pouco do que me trouxe até aqui.

Quando eu era adolescente precisei abandonar a escola, fiquei muitos anos longe dos estudos, e como a maioria das pessoas, pensava que a minha oportunidade havia passado e que já era tarde demais para voltar a estudar, foi quando conheci o programa de EJA de uma Escola Estadual da minha cidade e me enchi de esperanças.

Em 2008 ingressei nessa escola como estudante do programa de EJA e concluí o ensino fundamental e médio. Como sempre tive o sonho de cursar uma Universidade, decidi fazer o ENEM e em 2013 ingressei como graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no qual hoje curso o 6º semestre.

O meu objetivo como graduanda era o de algum dia trabalhar na EJA para que eu pudesse de alguma forma retribuir às pessoas o que me foi possibilitado e dar-lhes algum incentivo, assim como me foi dado, para poder dizer a elas: Vocês

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.

podem mais. Vocês querem cursar a Universidade? Basta que vocês queiram e assim será. Pois foi exatamente isso que meus professores me disseram, eu acreditei e aqui estou.

## **Desenvolvimento**

No curso de graduação em Pedagogia eu cursei uma disciplina de EJA no 3º semestre, mas a disciplina tratava mais da parte político-pedagógica e eu sentia falta de um aprofundamento maior sobre as práticas em sala de aula. Percebi então, com um misto de decepção e frustração, que o curso somente, não iria me preparar para lecionar na EJA, fiz algumas pesquisas e descobri que eu poderia fazer algumas especializações, depois de formada, para poder atuar como professora na Educação de Jovens e Adultos.

A partir disso, ficou evidente a importância de o professor, que atua na EJA, ter uma especialização para que esse profissional se encontre qualificado e preparado para a realidade que ele vai encontrar em sala de aula. O foco da graduação é preparar o professor para alfabetizar crianças, mas não se pode ensinar adultos, de diferentes faixas etárias, da mesma maneira que se ensinam crianças, não se pode infantilizar a educação de adultos, pois eles não se identificariam com esse ensino, essa metodologia não faria parte da realidade dessas pessoas, fazendo com que elas perdessem rapidamente o interesse.

[...] sendo o educador do próprio meio é muito mais fácil a educação de jovens e adultos. Contudo, nem sempre isso é possível. É preciso formar educadores provenientes de outros meios não apenas geográficos, mas também sociais. [...] No mínimo esses educadores precisam respeitar as **condições culturais** do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou da comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular. (GADOTTI e ROMÃO, 2011, p. 39.)

Pensando nisso criei uma certa inquietação, sentia a necessidade de saber mais, de estar melhor preparada, foi então, no início do 6º semestre que meus horizontes se ampliaram, eu tive a oportunidade de participar de um grupo de estudos, que oferece encontros semanais, chamado *Projeto de Extensão EJA em Prosa e Chimarrão* que é realizado pelo Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização – NEEJAA do Instituto de Educação – IE da FURG.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.

Nesse grupo de estudos eu ouvi relatos de algumas pessoas que cursaram a EJA e de pessoas que trabalham vinculados a EJA, professoras, coordenadoras pedagógicas, entre outros, mas o que mais me chamou atenção foi a paixão com que essas pessoas faziam esses relatos, onde todas favam que a experiência na EJA havia mudado suas vidas.

Foi emocionante ver que muitas pessoas partilhavam dessa minha paixão pelo EJA e que, pelo fato de elas terem tido a oportunidade de cursá-lo suas vidas mudaram muito, pois algumas deram continuidade a sua formação, ingressando na Universidade, outras conseguiram ascender profissionalmente e todas se sentiam orgulhosas e agradecidas, assim como eu, por terem tido essa oportunidade.

[...]O sucesso de um programa de educação de jovens e adultos é facilitado quando **o educador é do próprio meio**. [...]Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na **qualidade de vida** da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno trabalhador. (GADOTTI e ROMÃO, 2011, p. 38,39.)

Foi em um desses encontros que eu conheci a professora Alice, que trabalha com Jovens e Adultos em uma Escola Municipal da cidade de Rio Grande. Alice é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e pós-graduada em Metodologia do Ensino pela Universidade Católica de Pelotas, exerce a docência a 25 anos e trabalha com a EJA a 17 anos, o trabalho que ela desenvolve em sua escola é voltado principalmente para os alunos inclusos na EJA.

Segundo Alice o ser professor em sua vida aconteceu meio por acaso, ela diz que encontrou muitas dificuldades ao longo do curso, segundo ela:

“Tudo na minha vida aconteceu muito por acaso, eu fui parar na pedagogia porque a minha filha era pequena e eu gostava de crianças, fiz a pedagogia e achei um curso muito ruim eu achava uma bobagem porque tudo tinha que ser e não era, nós estudávamos uma pedagogia idealizada, até que um dia eu estava no 4º semestre e eu falei para minha professora que eu não queria mais fazer aquilo, na época eu enfrentava muitas dificuldades, eu morava na vila e ia “ amassando barro” para a universidade, eu precisava pegar dois ônibus e a minha filha era muito pequena, foi então que eu disse para a minha professora que não queria mais fazer aquilo e a minha professora me olhou muito séria e disse ‘tu não vais desistir agora tu já fez 4 semestres faltam só 3 tu tens que entender que tu precisa ter uma profissão’. Aquilo me assustou porque eu não esperava aquela reação e eu disse: ‘tá, tudo bem’, eu tinha uns 26 anos na época.”

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.

Ela relatou que depois de graduada na Universidade fez dois concursos, um em 1991 e outro em 1994, foi aprovada em ambos e assim começou a sua trajetória como professora. Ela conta que no início foi muito difícil para ela.

“Eu achava muito difícil dar aulas, eu chegava em casa e tinha que ficar pelo menos uma hora no silêncio porque era muito ruim, a gente tinha alunos que não aprendiam e eu ficava muito frustrada com aquilo e me incomodava muito, eu dizia para o aluno vamos lá, copia, faz e ele dizia: ‘não vou fazer, não sei fazer’ e não se alfabetizava e também eu lidava com a questão da criminalidade e da marginalidade, mas superei fui indo e muito me identificando porque eu sou oriunda de família muito pobre.”

Alice comenta que o tempo foi passando e em seguida ela foi fazer um curso para orientação escolar, passou algum tempo, ela foi trabalhar em outra escola, até que a 17 anos atrás ela começou a trabalhar como orientadora pedagógica na escola em que trabalha ainda hoje e onde começou sua luta contra os padrões de avaliação para a EJA. Segundo ela,

“Trabalhávamos muito, e na época não era EJA, era um ensino regular noturno para quem tivesse mais de 15 anos, foi muito bom, eu aprendi muito. Em 2002 eu fiz uma seleção para um curso de educação especial, eu sentia a necessidade de aprender mais, para poder ajudar essas pessoas que tinham dificuldades de aprendizagem e que por conta das dificuldades acabavam evadindo. Nessa época percebi que precisava trabalhar com os professores a questão da avaliação, mas não sabia bem como fazer, pois, eles eram profissionais bem antigos na rede, tinha pessoas que já estavam quase se aposentando e era muito difícil para elas entender que para esses alunos a avaliação deveria ser feita de forma diferente, que eles deveriam ter um outro olhar para ela, só que eles achavam que não, que se a média fosse 60 e o aluno tirasse 58 tinha que repetir o ano. Depois de muita luta e muito argumento conseguimos mudar isso. Hoje ainda existe a avaliação, mas eles não são mais uma nota hoje eles são alguém que evolui.”

Quando questionada a respeito de quando especificamente começou a trabalhar com educação especial na EJA, ela me disse que:

“Desde que eu comecei a trabalhar no noturno eu trabalho com inclusão, porque quem estuda no turno da noite são os excluídos do dia do ensino regular, ou porque incomodavam, ou porque bagunçavam muito dentro da escola, ou porque ele não aprendia da mesma forma que os outros, ou porque naquele momento ele não conseguia dar conta do que a escola exigia, então eles são mandados para a EJA, e quando eles chegam se deparam com N realidades diferentes. Eu comecei como orientadora educacional, começou muita conversa e a gente se deu conta que trabalhávamos com deficientes já a muito tempo, pessoas que tinham todo o cognitivo comprometido e também não se tinha um olhar diferenciado para que eles pudessem atender a demanda da escola, eles evadiam muito na época, foi então que começou a minha briga por causa da questão da proporcionalidade. Eu dizia para os colegas: vocês já viram que ele é diferente que ele tem uma outra forma de aprender, ele em algum momento não tem o alcance do outro, a resposta dele fica muito atrás da do outro, vocês viram que se ele tirou um 30, o 30 dele equivale ao 70 do outro. Mas os colegas ficavam brabos porque eles achavam que os alunos tinham que alcançar a média, se não, ele não poderia passar de

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.

ano. Naquela época a escola inventou um tal de destaque, eu e um outro grupo éramos contra a maneira como eles implementavam essa ideia, nós dizíamos que estava errado que destaque também era aquele aluno que tirava 40 quando a média era 50 e ele até então conseguia tirar no máximo 20, 30, ele é um destaque dentro daquilo que ele consegue nos dar. Tudo em função da nota, como se ela fosse a coisa mais importante. ”

“Paralelo a isso eu estava fazendo pós-graduação em metodologia do ensino, e eu me lembro que eu me deparei com a questão da nota e eu dizia: eu não sou uma nota, independente da nota que vocês vão me dar o meu trabalho para mim vale 1.000. Tudo porque eu fiz o meu trabalho em cima da EJA e elas diziam que o meu trabalho de pesquisa tinha muito envolvimento emocional, e eu dizia: por quê? Não pode? E elas diziam que pesquisa científica não pode ter envolvimento emocional, eu disse que independente do que elas achavam para mim o meu trabalho vale 1.000 justamente porque teve sentimento e afetividade, mas apesar dos obstáculos eu consegui concluir o curso, na Universidade Católica de Pelotas. Depois de algum tempo eu aprendi que realmente um trabalho científico não poderia ser feito da forma que eu fiz, mas para mim o meu trabalho ficou tão bom, tão genuíno que nada mais me importou e, claro que eu queria que o meu trabalho tivesse para eles a mesma importância que teve para mim, mas não teve. Eu tive um aluno, um senhor que só queria tirar a carteira de motorista e ele estudou na EJA até a 4ª série e conseguiu tirar a carteira de motorista. O meu trabalho foi sobre ele e eles não acharam um bom trabalho e eu fiquei muito frustrada me senti roubada na época, hoje eu falo bem, mas eu já chorei muito por causa disso. ”

Nesse momento, percebo uma grande emoção nos olhos da professora Alice. Quando ela fala um pouco sobre o trabalho que ela desenvolve hoje, observo que, além de emocionada, ela está muito orgulhosa dos resultados de sua luta.

“Hoje eu trabalho com a inclusão, eu sou professora de sala de recursos e eu trabalho com alunos que tem deficiência, transtorno, limitação acentuada de aprendizagem. Mas quem não tem né, quem não tem uma limitação qualquer. Até hoje eu não dirijo, e eu sou bastante limitada na questão do dirigir, mas isso não me faz menos ou mais que qualquer outra pessoa. E são essas as questões pelas quais eu brigo bastante, eu acho que a gente tem que promover para o nosso aluno deficiente, também, que ele consiga se expressar da forma que ele conhece e a gente avaliar aquilo que ele tem e que ele nos traz e tentar avaliar qual é a conexão que aquilo tem com o que nós trabalhamos porque embora ele não consiga me dar a resposta que eu quero com ponto e vírgula... ele consegue me dizer três quatro palavras que me remetem a que que ele entendeu o que eu trabalhei, para mim isso é o suficiente. ”

“ ‘Agora a gente tem aqueles ditos normais que não querem nada com nada. ’ Essa é a fala de alguns dos meus professores lá. Professores novos na EJA ainda tem dificuldades de compreender esses alunos e de se desprender da questão da nota, mas a gente conversa vai orientando para abrir os olhos deles de que se essas pessoas são diferentes para aprender também o método de avaliação tem que ser diferente, não se pode esperar que um aluno de eja tenha o mesmo rendimento de um aluno do ensino regular, se assim fosse ele estaria no ensino regular e não na EJA, muitas vezes um 58 para um aluno da EJA é uma superação e isso tem que ser levado em conta. ”

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.

Nesse sentido Paulo Freire, (2001, p.32) diz que: “ Tudo isso é fundamental no sentido de superação das ideologias discriminatórias, de modo a que possamos viver a Utopia: não mais discriminação, não mais rebelião ou adaptação, mas Unidade na Diversidade. ” E reforça esse pensamento dizendo que:

Pensar a História como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação não pode tudo, pode alguma coisa. Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia: Unidade na Diversidade. (FREIRE, 2001, p.20)

Quando questionada sobre quais são seus maiores enfrentamentos hoje na escola ela diz:

“O meu maior enfrentamento ainda é a questão da avaliação, nos conselhos de classe mesmo, as vezes eu consigo me colocar, mas nem sempre é fácil. Eu não tenho a pretensão que meu aluno incluso vá ser médico, mas se ele conseguir terminar o ensino fundamental para ir trabalhar na padaria ou na ferragem, por exemplo, eu já estou muito feliz, se ele for capaz de anotar um pedido por exemplo, para mim isso já é muito valioso, eu estou me aposentando da EJA no ano que vem e acho que eu joguei um punhadinho de sementes e germinaram algumas, isso para mim é motivo de muito orgulho. ”

Quando pergunto se ela estuda Paulo Freire, ela responde que nunca o estudou profundamente, mas que já leu algumas obras do autor, e apesar de não ser uma estudiosa dos trabalhos de Paulo Freire, ao ouvi-la falar de sua trajetória como docente, vejo muito da metodologia e do pensamento freiriano no trabalho e nas práticas da professora Alice.

## **Considerações finais**

Percebo muito em sua fala a importância da inserção dos grupos minoritários na vida em sociedade de maneira plena, estudando, trabalhando, vivendo em sociedade. Paulo Freire também defendia isso quando falava que a visão de mundo dos sujeitos só será respeitada e entendida num contexto sócio histórico mais amplo. É nesse sentido em que encontramos a categoria da comunhão, que foi escrita e publicada em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, onde Freire fala que:

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, o que vem dar suporte, mais uma vez, à questão da deficiência.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.

Portanto, não é possível pensarmos mais em duas educações: a dos “ditos normais” e a dos “deficientes” ou “desviantes”. (1987, p. 18)

Ela destaca que os cursos de aperfeiçoamento que fez fizeram muita diferença na sua luta pela inclusão, pois quando um professor vinha até ela para justificar que o aluno não conseguia aprender por falta de interesse ela tinha argumentos para rebater. Ela deu o exemplo de uma colega que tinha uma aluna que não conseguia ler a prova e a professora Alice questionou porque ela não usava uma fonte maior, pois se ela mesma estava tendo dificuldades de ler como uma pessoa que tem uma série de comorbidades vai conseguir ler com facilidade.

Como ela trabalha na sala de recursos, ela relata que muitas vezes os professores tentam colocar nela a responsabilidade de ensinar o conteúdo para o aluno que têm mais dificuldade, ela fala que o trabalho dela é desenvolver com o aluno métodos que o habilitem a compreender melhor o conteúdo que está sendo ensinado e não ensinar no lugar do professor.

Ao escrever esse artigo consigo ver um pouco da minha experiência, como aluna na EJA, no relato da professora Alice. Percebo que o professor não consegue desvincular o fazer docente e o ser emocional, pois ambos estão intrinsicamente ligados. Penso que a educação se dá como ato relacional em que as histórias de vida de alunos e professores podem se completar na construção dos saberes e na transformação de ambos. Vejo, porém, que é tarefa do educador buscar sempre o entendimento das diferentes realidades subjetivas que o cercam, para que possam construir uma verdadeira educação.

## **Referências**

*Educação de jovens e adultos : teoria, prática e proposta* / Moacir Gadotti, José E. Romão (orgs.). ed. 12, São Paulo : Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Ed. 17, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. ed. 5, São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, ed. 25, 2009, Paz e Terra.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia diurno, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Artigo apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização.